

O Livro branco e a militarização da Europa



Por **GILBERTO LOPES***

Se o mundo civilizado não atar as mãos destes selvagens, eles nos conduzirão à Terceira Guerra Mundial

Uma ameaça fundamental

A Europa enfrenta uma ameaça aguda e crescente. A única forma de garantir a paz é estar preparados para dissuadir aqueles que querem nos prejudicar. Chegou o momento da Europa rearmar-se. Estas são algumas das conclusões do *Livro branco conjunto sobre a preparação da defesa europeia 2030*, publicado em Bruxelas em 19 de março passado.

O *Livro branco* apresenta um plano de rearmamento da Europa. Para isso, abriram-se as portas para o endividamento dos países europeus através da chamada “Cláusula de Escape”, que permite aos países ultrapassarem os limites do déficit e da dívida estabelecidos nas regras europeias, caso estejam envolvidos investimentos relacionados com a indústria militar.

Mudanças no entorno estratégico

De acordo com o *Livro branco*, o equilíbrio político que emergiu após o fim da Segunda Guerra Mundial e a conclusão da Guerra Fria “foi seriamente alterado”. Por um lado, argumentam que os “Estados autoritários”, como a China, procuram impor “sua autoridade e controle sobre nossa economia e sociedade”.

Por outro, destacam que a Rússia “deixou claro que continua em guerra com o Ocidente” e “continuará sendo uma ameaça fundamental para a segurança da Europa num futuro previsível”. Caso se permita que a Rússia atinja seus objetivos na Ucrânia, argumentam, “suas ambições territoriais se estenderão ainda mais”. Afirmações que o presidente russo Vladimir Putin tem rejeitado repetidamente.

Aumentar os gastos com defesa

Os gastos com a defesa dos Estados-membros da União Europeia aumentaram mais de 31% desde 2021, atingindo 326 bilhões de euros em 2024. No início de março, a presidente da Comissão Europeia, a alemã Ursula von der Leyen,

a terra é redonda

anunciou o plano “*ReArm Europe*”, que prevê um gasto de cerca de 800 bilhões de euros para a defesa do bloco.

A proposta não foi acolhida unanimemente. Em 26 de março, Gregorio Sorgi e Giovanna Faggionato publicaram no *Politico* (uma publicação originalmente sediada na Virgínia, e vendida em 2021 para a alemã *Axel Springer*) que os países do sul da Europa – França, Itália e Espanha – tinham manifestado preocupação com as consequências econômicas do aumento da dívida, tendo em vista suas já elevadas dívidas e déficits orçamentários.

“Alguns países têm sérias dúvidas sobre a possibilidade de endividar-se nesses níveis”, diz o artigo, citando “um diplomata sênior da União Europeia” em Bruxelas. Em vez de assumirem novas dívidas, propõem a emissão de bônus de defesa, colocados pela UE no mercado de capitais, para financiar estes investimentos. Uma proposta à qual países como a Alemanha e a Holanda tradicionalmente se opuseram.

Apoio militar à Ucrânia

O *Livro branco* não prevê qualquer iniciativa diplomática. Alinhado com a visão militarista da nova Comissão Europeia, na qual os beligerantes países bálticos lideram as comissões de relações exteriores e de defesa, propõe que os Estados-membros cheguem rapidamente a um acordo sobre uma ambiciosa iniciativa de apoio militar à Ucrânia, treinando e equipando suas forças armadas e fornecendo-lhes munição de artilharia e defesa aérea. A Ucrânia tornou-se o principal laboratório mundial de defesa e inovação tecnológica, diz o documento.

Desde fevereiro de 2022, a Europa concedeu à Ucrânia cerca de 50 bilhões de euros em apoio militar e pretende melhorar sua capacidade de defesa através do que chamou de “estratégia porco-espinho”, para dissuadir qualquer possível novo ataque. Mísseis (incluindo os de ataque profundo de precisão), aviões não tripulados e pelo menos dois milhões de projéteis de artilharia de grande calibre por ano são prioridades compartilhadas pela Ucrânia e pelos Estados-membros da União Europeia, que também pretendem treinar e equipar as brigadas ucranianas e apoiar a regeneração de seus batalhões.

Esforços que visam, entre outras coisas, preencher o espaço deixado por uma mudança na política norte-americana, que, desde 2022, tem sustentado a guerra na Ucrânia, como demonstrado pela reportagem do *New York Times*, “*The partnership: the secret history of the war in Ukraine*” [“A parceria: a história secreta da guerra na Ucrânia”], publicada em 29 de março. Entretanto, apesar das tensões com Washington, a Europa reconhece que uma forte ligação transatlântica continua sendo crucial para sua defesa. A OTAN é a pedra angular dessa defesa.

Para além da Europa

O documento propõe um compromisso ambicioso em matéria de segurança e defesa “com todos os países europeus afins, os países da ampliação e os países vizinhos (incluindo Albânia, Islândia, Montenegro, República da Moldávia, Macedônia do Norte e Suíça)”, assim como a continuação das conversas sobre uma Associação de Segurança e Defesa com a Índia. A ideia é que a União Europeia explore, além disso, “oportunidades de cooperação industrial no campo da defesa com os parceiros do Indo-Pacífico, em particular o Japão e a República da Coreia, com os quais se concluíram Associações de Segurança e Defesa em novembro passado, além da Austrália e da Nova Zelândia”.

A guerra em grande escala da Rússia contra a Ucrânia tem repercussões para além da Europa, diz o *Livro branco*. As ameaças híbridas e os ciberataques não respeitam fronteiras. Nem a segurança no espaço ou no mar.

a terra é redonda

Militarização da indústria, um bom negócio

Um mercado de equipamentos de defesa verdadeiramente funcional em toda a União Europeia seria um dos maiores mercados nacionais de defesa do mundo, defende o *Livro branco*. O aumento do investimento no setor da defesa teria efeitos positivos em toda a economia. A reativação da indústria da defesa em grande escala exigirá que a indústria atraia e forme muitos talentos, incluindo técnicos, engenheiros e peritos especializados.

A reconstrução da defesa europeia exigirá um investimento massivo durante um período prolongado, tanto público como privado, para repor os equipamentos militares dos Estados-membros e aumentar a capacidade de produção industrial da defesa europeia. O Banco Europeu de Investimento tem um papel decisivo a desempenhar no financiamento destes programas. Seu Plano de Ação de Segurança e Defesa foi um primeiro passo nesta direção, mas sua aplicação deve ser acelerada.

Mas não basta aumentar o investimento público em defesa. As empresas europeias, incluindo as pequenas e médias, devem ter um melhor acesso ao capital. A proposta é que, para o período 2023-2027, o Fundo Europeu de Defesa (EDF) financie as PME com até 840 milhões de euros e que o Programa Europeu para a Indústria da Defesa (EDIP) crie um Fundo para Acelerar a Transformação da Cadeia de Abastecimento da Defesa (FAST).

A Europa prepara-se para as guerras

“A União Europeia é, e continua sendo, um projeto de paz”, podemos ler quase no final do *Livro branco*. A Europa deve tomar decisões audazes, acrescentam, e construir uma União de Defesa que garanta a paz em nosso continente através da unidade e da força.

Em Bruxelas, diz-se que a Comissão Europeia “se transformou num Ministério da Defesa”, afirma a jornalista Gloria Rodríguez, do jornal espanhol *El País*, num artigo publicado de Bruxelas. A agenda atual é eloquente, afirma. “O *Livro branco*, que define as ameaças que a União Europeia enfrenta, complementa o *ReArm Europe*, o plano mais ambicioso até aqui para reforçar os exércitos e a indústria de defesa da Europa”, apresentado por Ursula von der Leyen há duas semanas.

Para Dmitry Peskov, porta-voz da presidência russa, os principais sinais vindos de Bruxelas e das capitais europeias referem-se atualmente a planos para militarizar a Europa. Moscou não recebeu sinais de Bruxelas que indiquem o desejo de procurar uma solução política para o conflito ucraniano, afirmou.

Necessitam justificar-se

Os Estados-membros da União Europeia escolheram a ex-primeira-ministra da Estônia, Kaja Kallas - uma das vozes mais beligerantes contra a Rússia - como representante de sua política externa porque queriam uma líder para tempos de guerra, afirmam os jornalistas do *Politico* Nicholas Vinocur e Jacopo Barigazzi, citando fontes europeias. “Se você a ouve”, diz uma voz europeia crítica de Kallas, citada pelo *Politico*, “parece que estamos em guerra com a Rússia, o que não é a linha oficial da União Europeia”.

a terra é redonda

Mas outros aprovam, como a primeira-ministra dinamarquesa – outra voz particularmente beligerante – ou um diplomata europeu, não identificado pelos autores do artigo, que está “muito satisfeito” com o estilo de Kaja Kallas.

O ódio aos russos foi expresso pelo presidente ucraniano numa entrevista ao jornal conservador francês *Le Figaro*. Um “sentimento apropriado” em tempos de guerra, disse ele, que o ajuda a se manter na frente da luta.

Um sentimento que provavelmente contribuiu para o fracasso dos acordos de Minsk, negociados antes da guerra em 2014 e 2015 e boicotados pela Ucrânia, França e Alemanha. Estes acordos pretendiam dar garantias às populações russas das Repúblicas de Donetsk e Lugansk. Os combates no leste da Ucrânia, entre os separatistas e as forças ucranianas, já tinham ceifado cerca de 14 mil vidas antes da invasão russa, segundo a *BBC*, e deixado mais de um milhão de pessoas deslocadas.

Nesse clima, o ministro espanhol das relações exteriores, José Manuel Albares, pediu para que não alarmassem desnecessariamente as pessoas. “Ninguém está se preparando para a guerra”, disse. Referia-se ao “kit de sobrevivência” proposto por von der Layen, que duraria pelo menos 72 horas em caso de emergência. O mesmo José Manuel Albares que, numa reunião de seis países europeus em Madrid, na segunda-feira, 31 de março, propôs, sem obter apoio, a utilização dos fundos russos congelados em bancos europeus para ajudar a Ucrânia.

“Eles precisam justificar-se”, disse o presidente russo Vladimir Putin, comentando a proposta do kit. “É por isso que assustam sua população com uma hipotética ‘ameaça russa’”. “Dizer que vamos atacar a Europa depois da Ucrânia é um completo disparate. É uma intimidação de sua própria população”.

Guerras do futuro?

O colega de Kaja Kallas na Comissão, o ex-primeiro-ministro lituano Andrius Kubilius, agora responsável pela recém-criada pasta da Defesa, que também é a favor de uma política agressiva em relação a Moscou, disse que “se a Europa quer evitara guerra, tem que estar preparada para ela”. As prioridades do *Livro branco*, destacou, são aumentar os gastos com defesa, pensando “não apenas nas guerras atuais, mas também nas do futuro”. “Vladimir Putin não se deterá lendo o *Livro branco*”, acrescentou. Só o fará “se o utilizarmos para criar drones muito reais, tanques, artilharia... para nossa defesa”. Para o presidente finlandês, o também conservador Alexander Stubb, a única forma de deter Moscou é “armar a Ucrânia até os dentes”.

E, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha envia tropas para o estrangeiro. Trata-se de uma brigada instalada na Lituânia, a 10 km da fronteira com a Bielorrússia. Quando estiver totalmente operacional, em 2027, contará com cerca de 5.000 efetivos militares e civis.

Tanto Kaja Kallas como Andrius Kubilius são cidadãos de dois países bálticos – a Estônia e a Lituânia – que são particularmente agressivos contra a Rússia. É seguro dizer que foi precisamente por isso que foram nomeados para estes cargos. Acontece que a Estônia, com cerca de 1,4 milhão de habitantes, e a Lituânia, com cerca de 2,9 milhões, são apenas um bairro de qualquer grande cidade da América Latina com tal população. A área metropolitana do México ou de São Paulo tem cerca de 8 milhões de habitantes.

Por isso, não é de estranhar que funcionários europeus, que poderiam ser como os presidentes de bairros destas cidades, tenham em suas mãos a definição de políticas que podem levar o mundo a uma nova guerra de dimensões catastróficas. Se o mundo civilizado não atar as mãos destes selvagens, eles nos conduzirão à Terceira Guerra Mundial.

***Gilberto Lopes** é jornalista, doutor em Estudos da Sociedade e da Cultura pela Universidad de Costa Rica (UCR). Autor, entre outros livros, de *The end of democracy: a dialogue between Tocqueville and Marx* (Editora Dialética)

a terra é redonda

[<https://amzn.to/3YcRv8E>]

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda